

PAULO FREIRE

Secretário Municipal de Educação na cidade de São Paulo

Quem trabalha em educação popular conhece Paulo Freire. Mas pode ser que algum dos nossos leitores não o conheça. Por isso vamos contar: Paulo Freire é um dos maiores educadores brasileiros, reconhecido em todo o mundo, já viajou por quase todos os países, convidado para cursos, palestras e trocas de experiência. Antes de 1964 estava para iniciar uma grande Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, depois de experiências bem sucedidas em Pernambuco e Brasília. Paulo Freire tinha sistematizado um novo método de alfabetização de adultos, criativo, participativo, conscientizador.

Aí veio o golpe militar de 1964. Paulo Freire foi considerado pelos militares como subversivo. Por que? Simplesmente porque ele queria a educação dos trabalhadores brasileiros.

Você, leitor, considera a educação dos trabalhadores subversiva? Pois é, os generais consideraram assim. A Campanha de Alfabetização foi extinta, as cartilhas que já estavam prontas foram queimadas, Paulo Freire foi preso, sofreu processo, e acabou sendo exilado. O resultado você pode ver na sua rua, no seu bairro, na sua cidade, no seu município: a maioria dos trabalhadores brasileiros continua sem saber ler e escrever, e, em conseqüência, mais facilmente explorados e oprimidos.

Quase vinte anos se passaram. Veio a anistia. Paulo Freire pôde voltar ao Brasil. Veio a Nova República. A Nova República não chamou Paulo Freire para trabalhar no Ministério da Educação. Paulo Freire continuou com seu trabalho de educação com os trabalhadores, com os sindicatos, com as associações de bairro. Sempre atendendo a todos os convites que recebia. E todos os convites vinham só das entidades dos trabalhadores.

Mas chega 1988 e Luiza Erundina é eleita prefeita de São Paulo. E a prefeitura do PT convida Paulo Freire para Secretário Municipal de Educação.

Elza Ferreira Lobo, que também trabalha

há muitos anos em educação popular, e que tem dado assessoria em reuniões e encontros da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, passou esta semana por Salvador, e nos contou como anda a educação naqueles lados de lá.

“A grande preocupação da Secretaria é com a democratização e com a descentralização. A cidade é dividida em 16 regiões, e cada regional, neste momento, está fazendo o seu **planejamento regional integrado**. O planejamento trata de forma integrada a educação, a cultura, a saúde e o esporte. Daí é que vai ser feito o orçamento da cidade para 1990. Nos regionais participam representantes dos funcionários, dos trabalhadores — através dos sindicatos e associações de bairro, e representantes da administração. Assim todos começam a tomar consciência do que é ser cidadão. Todos conhecem seus direitos, podem exigir os seus direitos. E a administração tem de responder, cumprindo suas obrigações”.

“Todos estão participando da construção de um novo projeto educacional, um outro tipo de ensino, ligado à realidade dos trabalhadores”.

“Por outro lado — continua Elza Lobo — a burocracia, que sempre emperrou a educação, tem sido golpeada pela descentralização. As coisas começam a ser feitas de baixo para cima e não de cima para baixo, como eram feitas nas outras administrações”.

“Os professores têm mais espaço para discussão e para a formação, porque, na concepção de Paulo Freire, todos são sujeitos do processo”.

“Neste primeiro ano, conclui Elza Lobo, a preocupação da Secretaria foi mobilizar os professores, os pais de alunos, os trabalhadores em geral para a construção deste novo projeto educacional, coletivo, participativo. Outra preocupação da Secretaria foi a de reequipar as escolas, que estavam acabadas. No ano que vem já começaremos a ver os resultados”.